

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

PEDRO HENRIQUE DOS SANTOS LOBO

A MUSICA NA SOCIEDADE GREGA

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Paulo Afonso de Araujo

Juiz de Fora

2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Pedro Henrique Dos Santos Lobo**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202172113A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A música na sociedade Grega**, desenvolvido durante o período de 13 de Novembro de 2024 10 de Março de 2025 sob a orientação de Paulo Afonso de Araujo, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ___ de _____ de _____.

PEDRO HENRIQUE DOS SANTOS LOBO

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

A MÚSICA NA SOCIEDADE GREGA

Pedro Henrique Dos Santos Lobo¹

RESUMO

Nesse artigo o tema abordado será a respeito da música na sociedade grega e a maneira como ela era utilizada pelos antigos em seu cotidiano no contexto artístico e sociocultural. Em sequência, temos uma análise perante o pensamento filosófico científico, onde Platão em sua obra – “A Republica” e “Aristóteles em sua obra A política - livro VIII” farão investigações pertinentes a respeito do Ethos e seus impactos na música, na identidade humana e também sobre a necessidade de incluí-la nas instituições educacionais gregas.

O artigo menciona a influência dos modos gregos nas atividades rotineiras da sociedade e na individualidade de cada sujeito inserido na contextualização musical do mundo. Por fim, será enfatizado nesse texto, a grandiosidade musical daquela época, trazendo uma reflexão para que possamos compreender melhor as riquezas musicais que foram deixadas pela sociedade grega e as suas principais influências nas ciências sociais, matemática e na cultura, deixando um legado que até hoje inspira nossas emoções.

PALAVRAS-CHAVE: Modos gregos, Musas, Ethos, Platão, Aristóteles

1. INTRODUÇÃO:

Você saberia explicar a importância da música na sociedade grega?

A música faz parte da vida do ser humano há milhares de anos. Há evidências de que desde os tempos remotos, os homens já abstraíram emoções ligadas à música, assim sendo expressados sentimentos e reações musicais.

A criatividade dos homens os levou a desenvolverem instrumentos feitos com ossos de animais, como por exemplo: a flauta que era constituída por ossos de pássaros. Entretanto, na população grega as canções desempenharam um papel crucial para sociedade que se tornaria profundamente importante na vida dos antigos gregos, para essas pessoas a música possuía uma aceção profunda com um poder semelhante a um poder divino.

A presença divina e a música estavam intrinsecamente conectadas nas festividades dionisíacas, utilizando esse momento para celebrar o Deus do vinho com muita música junto a expressões corporais como a dança.

Era possível encontrar a musicalidade presente a todo momento no cotidiano do homem grego, também através de outras distintas manifestações sociais como: rituais religiosos, políticos, artísticos, durante as nobres refeições e durante as jornadas marítimas onde era possível observar que o homem grego apresentava uma profunda conexão musical, havia possibilidade de se extrair uma grandiosa sabedoria e repassá-las às gerações futuras.

Na mitologia grega a música expressava a arte abençoada pelas divindades musas, filhas de Zeus (Deus do Céu) e Mnemosine (Deusa da memória).

As musas foram concebidas após a vitória de Zeus em um grandioso duelo contra os Titãs e também para a recordação de seu êxito triunfante.

Zeus juntamente com a Deusa da Memória, conceberam nove musas para servirem de inspiração aos homens mortais, louvando sempre os feitos heroicos de seu pai.

As musas eram divindades que estavam correlacionadas a outras artes além da música, elas eram reconhecidas por se expressarem nas artes em que as pessoas precisam se doar inteiramente de corpo e alma para que fosse possível apresentar o que há de mais belo para o mundo em nossas inspirações.

Apolo (Deus solar), que corriqueiramente também se expressava através da música, muitas vezes era retratado ao lado de uma lira, transluzia seus talentos artísticos e musicais, sendo considerado o representante da ordem e da harmonia musical.

Mas afinal, quem eram as nove musas e as artes que elas representavam?

· Calíope: era a musa da bela voz, da eloquência.

Musa que será descrita como uma linda mulher que por diversas vezes estará ao lado de tábua ou ao lado de um livro por possuir uma ampla sapiência na literatura, pois ela iluminava os poetas para que compuseram magníficas obras, Calíope era musa apontada como a irmã mais velha e apresenta uma vasta maturidade em seus conhecimentos

· Clío: era a musa da história.

Musa que será descrita como uma elegante mulher e portadora de uma grandiosa sabedoria, seu nome também pode ser definido “por aquela que celebra” condizente a sua responsabilidade que será a conservação das lembranças dos indivíduos humano, apontada também ao lado de um livro atribuindo sua função de se responsabilizar por notações históricas.

· Tália: Era a musa da comédia.

Musa que será descrita como uma mulher que esbanjava felicidade e vibrações trazendo leveza aos ambientes em que estivesse presente, Talia por diversas vezes será relacionada por uma máscara, atribuindo sua função de iluminar a risada e peças teatrais, mostrando então, agradável arte encontrada em cada sorriso.

· Erato: era a musa do verso erótico.

Musa que será descrita como uma mulher que encantava a todos por se conectar com os mais sensíveis sentimentos humanos que cumpre muito bem a sua função que era atribuída ao amor e também a poesia romântica e erótica, sendo apontada muitas vezes com uma lira ou flores em sua cabeça.

· Urânia: era a musa da astronomia.

Musa descrita como uma mulher que transmitia paz e serenidade, por diversas vezes será mostrada com um globo nas mãos sinalizando a sua função onde era atribuída ao conhecimento da astronomia e das ciências exatas.

- Melpômene: era a musa da tragédia

Musa descrita como uma mulher que majestosamente rememora seriedade e intensidade dos sentimentos dos mortais, ela várias vezes estará sendo mostrada com uma máscara trágica porque tinha como função iluminar as artes trágicas, mostrando como a arte consegue nos trazer alívio ao nosso ser, diante das adversidades da vida.

· Euterpe: era a musa da poesia lírica.

Musa descrita como uma mulher graciosa mostrada ao lado de um instrumento musical, pois ela iluminava a criação do musical e o riquíssimo poder expressivo existente na música. a definição de seu nome também poderá ser definida como “aquela que traz alegria” sinalizando novamente o poder da música nas esferas sentimentais humanas.

· Terpsícore: era a musa da dança.

Musa descrita como uma mulher dinâmica que evocava a liberdade através da dança e também ao canto coral apontada com uma lira em suas mãos, pois ela iluminava a expressão corporal através da dança, sinalizando que a dança e a música não se trata apenas de momentos de relaxamento, mas também podem ser utilizados como uma linguagem sentimental.

· Polímnia: era a musa dos hinos sagrados.

Musa descrita como uma mulher solene em uma pose de contemplação pois ela iluminava as músicas mais sensíveis aos deuses e também a dança religiosa por meio de suas performances atribuídas a religiosidade, possuía uma interessante responsabilidade em manifestar o sagrado se expressando corporalmente.

E por fim essas foram as inspirações trazidas através das musas para os gregos.

No decorrer do tempo, com os avanços dos estudos a respeito da música na Grécia, a musicalidade se tornou um tema cada vez mais instigante para os influentes pensadores daquela época e com isso foi se transformando em múltiplas pautas para obter novos pensamentos, curiosidades e conseqüentemente novas descobertas.

Pitágoras, filósofo e matemático nascido em 570 a.C, peça chave fundamental para a contribuição da história por fazer diversas descobertas, foi elemento essencial na história da música ao se tornar responsável pela descoberta da escala musical, possuía a crença de que a música e a matemática se relacionam, portanto, ele passou a investigar de quais maneiras as notas musicais poderiam ser compreendidas em sua totalidade.

O pensador, por meio de seus experimentos, concluiu que, ao tocar um monocórdio (instrumento com apenas uma corda, elaborado por ele mesmo) e dividindo a corda em partes semelhantes, observou como a corda do instrumento ressoava, evidenciando a vibração oitava.

Pitágoras em sua investigação também pôde constatar relações numéricas que agregam na essência da escala musical, ao detectar diferentes intensidades sonoras sendo elas: quarta justa, quinta justa e terça maior. Organizando-se por esse sistema, Pitágoras foi se orientando por meio de cálculos matemáticos.

Posteriormente a essa descoberta revolucionária, criou-se então alguns desafios para os músicos da época e também a necessidade de afinar os instrumentos.

Os gregos tendo como ponto de partida as noções e proporções harmônicas pitagóricas, seriam induzidos a possuírem uma nova perspectiva relacionada à música, embora, Pitágoras não tenha sido o inventor dos sistemas de modos gregos, os quais eram utilizados nas criações musicais daquela época, porém, passou a contribuir diretamente nas definições da ética e filosofia na Grécia, servindo como inspiração da sua interseção entre as áreas de conhecimento matemáticos e as áreas de conhecimento musicais, sendo essencial para ajudar na evolução do conhecimento musical existente da época.

Os cinco modos utilizados durante as peças musicais gregas eram:

- Jônio modo representado pelas notas Dó- Ré-Mi-Fá-Sol-Lá-Si.
- Dórico modo representado pelas notas Ré-Mi-Fá-Sol-Lá-Si-Dó.
- Frígio modo representado pelas notas Mi-Fá-Sol-Lá-Si-Dó-Ré.

A igreja católica percebendo a importância da música estabeleceu que houvesse mais dois modos:

- Mixolídio, modo representado pelas notas Sol-Lá-Si-Dó-Ré-Mi-Fá.
- Lócrio modo representado pelas notas Si-Dó-Ré-Mi-Fá-Sol- Lá.

Cada modo grego desempenhou a função de corresponder a um determinado sentimento ou sensação específica.

Os modos gregos na antiguidade desempenhavam um papel musical de extrema significância, servindo como base nas composições de canções que teriam a responsabilidade produzir virtudes que se conecta diretamente com os mais profundos sentimentos do homem grego, os modos estavam correlacionados na cultura social sendo muito apreciado nos teatros, cerimônias e rituais religiosos.

Em que cada modo era executado adequadamente a um determinado momento da peça teatral, cerimônia ou da liturgia, configurando sensações que correspondem ao grau de sua importância.

De acordo com filósofos, os efeitos da música sobre o comportamento humano podem ocorrer de quatro maneiras distintas: primeiro o poder de induzir à ação, *ethos praktikón*, o segundo, pode manifestar força, o ânimo, *ethikón*; terceiro, pode provocar a fraqueza no equilíbrio moral, *ethos malakón*, ou *threnôdes*, que segundo Platão resulta dos cantos *trenódicos* baseados nas harmonias plangentes como *lídia mista* e a *lídia tensa*; e a quarta, pode induzir temporariamente, à ausência das faculdades volitivas produzindo um estado de inconsciência, *ethos enthousiastikón*. Esse *ethos* está associado aos ritos *dionisiacos* propício para induzir ao êxtase e o delírio. (Nasser, 1997, p.243-244).

Na citação descrita acima, é evidente o poder do *ethos* perante a conduta humana, uma vez que se é exposto, principalmente a influência que ele tem de sobre nossos estímulos emocionais e a maneira em que cada indivíduo poderá agir diante de uma situação específica, por isso era importante escolher com bastante responsabilidade o modo grego para que fosse adequadamente executado.

Na antiga Grécia a criação do preceito *ethos* surgiu por meio de pequenos métodos instrumentais *nómos*, que eram interpretados como uma norma, enquanto o *ethos* significava moral social ou individual, de modo que a união dessas duas virtudes foi fundamentalmente importante para compreender a importância dos efeitos musicais. Salientando que a importância dos modos gregos, estavam intrinsecamente ligadas à filosofia.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Pitágoras manifestava seu estímulo pelas relações matemáticas por meio dos modos e dos sons. Por outro lado, Platão acreditava que a música atribuía riquíssimas virtudes à alma humana por meio dos sons, melodias e harmonia que fosse possível gerar através da música.

Para Platão a música exercia um poder tão grandioso sobre o homem, que se um indivíduo exercita a prática virtuosa em seu cotidiano, adquire impacto positivo e direto na sua identidade humana. Após exercer as práticas virtuosas, tais ações tomariam conta de toda sua índole, declarando que se um homem grego tornasse ouvinte de músicas requintadas, iria apresentar uma nova postura, majoritariamente nobre.

É por essa razão que para ele, a música poderia apresentar a capacidade de modificar o *Ethos*, (caráter humano) tornando-se explicitamente compreensível o motivo da música ser essencial no contexto social, político e principalmente educacional, porque o *Ethos* está diretamente conectado na formação da conduta humana.

Inicialmente ele declara que a música não se trata somente de expressões artísticas ou técnicas, porém, afirma que se tratava primordialmente de um dom celestial enviado pelas musas aos homens, salientando que os poetas performam suas canções com entusiasmo por essas divindades. Sendo assim, os poetas eram entidades sagradas e deveriam ser equiparados ao oráculo dos profetas em decorrência de suas composições, pois logo se percebiam influenciados pelas divindades.

As musas originalmente seriam incapazes de compor harmonias melódicas derivadas de sua própria imaginação intelectual, mas sim compositoras de uma expressão artística proveniente dos Deuses gregos.

O antigo filósofo possuía a crença de que os homens mortais teriam sido contemplados ao ganhar a música harmônica e rítmica de presente das divindades musas, porque a harmonia iria simbolizar as mobilidades que são possíveis encontrar na alma, enquanto as pulsações rítmicas iriam desempenhar as funções de contraditar a escassez harmônica que existia no interior do homem grego, que não possuía graça ou qualquer medida.

Até então era possível dizer que essa, seria uma concepção do sagrado musical voltada a crença espiritual do filósofo, entretanto, essa credulidade se tornaria base de análise sob o prisma científico em torno da música.

Não se podia negar a existência de diversos instrumentos na antiga Grécia, porém conseguimos observar a presença de alguns instrumentos que frequentemente cumpriam participações essenciais durante as cerimônias musicais, como as liras (instrumento semelhante a uma pequena harpa) que através do seu som ameno, esteve presente em momentos de poesias líricas, atribuindo calma aos seus espectadores.

Os aulos (instrumento de sopro com dois tubos amplificadores) carregavam intensidade ao toque do seu som que geralmente estavam associados a ocasiões festivas e contemplações ao Deus Dionísio, trazendo vitalidade aos homens.

Os tambores também marcaram presença nos festivais e cerimônias, sinalizando ritmo, dança e a percussão poderia ser encontrada diante de momentos fúnebres.

O ethos se manifesta através de diversas maneiras durante uma música, trazendo à tona as mais sensíveis emoções humanas através de seu ritmo, melodia e os modos gregos.

Para Platão, não era instigante ouvir uma música apenas por seu modo melódico porque essa ideia iria contra os pré-requisitos da sua teoria da mimese, tema abordado essencialmente em sua obra literária “a república”, para o filósofo, a mimese é um determinado tipo de arte que se constitui na tentativa de imitar os mundos sensíveis.

Platão defendia acentadamente, que por intermédio das manifestações extraídas da arte, acontecia uma mera reprodução do mundo físico e, portanto, distanciavam-se mais ainda da sua verdadeira essência, do que mesmo do próprio mundo sensível.

O filósofo acreditava que a arte poderia ludibriar as pessoas levando-as a acreditarem em algo irreal, trazendo malefícios diretamente para a moral e o contexto educacional de cada uma delas, de modo que se tornava inadmissível a execução de uma música instrumental, o que poderia extrair diversas ramificações interpretativas, sendo assim, tornando ao ouvinte uma desagradável experiência sonora, desfocado de seu objetivo inicial sobre o da expressão da conduta moral e não gerando nenhum impacto a alma.

Sócrates expõe o nome musa em conjunto da palavra música, evidenciando que ambas teriam a mesma origem em comum, ainda relata que a íntima relação entre a música e a filosofia, surgiu por diversas vezes através de seus sonhos e nesses sonhos ocorria um chamado que dizia: “Sócrates compõe música e a executa”. Sócrates indagava a si mesmo, se esse chamado do sonho que lhe ordenara compor, seria de um gênero popular? Posteriormente a isso, o filósofo compôs um hino a Deus e a outros poemas.

Platão em tempo compartilharia fatos, como; mudança do pensamento de Sócrates antes do filósofo falecer, se posicionando fielmente no que acreditava, para ele a música estava relacionada à sabedoria do homem, porque o homem sábio adorava os Deuses através de escritas que ajudariam na identidade moral de todos, como é argumentado na obra literária “A república”, o que evidenciará que no âmbito espiritual, Sócrates possuía uma credulidade de que o destino das almas humanas e suas passagens para a reencarnação seriam fixados no mesmo patamar filosófico, o contemplador das belezas e o apreciador musical.

No decorrer desse diálogo, o filósofo irá introduzir o conceito de Sophia musical que se correlaciona diretamente a sabedoria e a forma em que se adota a sapiência, no que se diz a respeito à música.

Platão possuía crença em diversos impactos espirituais, ele honrava as canções harmoniosas que extraíam a paz interior e em contrapartida argumenta o contrário a diversidade musical contemporânea, que em sua concepção era desordenada porque tinham a capacidade de promover sensações negativas.

Sophia era um dos fragmentos educacionais proposto por Platão no currículo que abrangia outras áreas como a matemática, filosofia, ginástica e por fim as artes onde estava incluída a música. Ele também fez crítica aos pitagóricos por serem apreciadores dos algarismos que eram perceptíveis através da audição, mas não havia o interesse de investigar quais eram esses números e por qual motivo esses algarismos estariam presentes em tais apreciações.

Para Platão a definição de músico nesse contexto científico, era o homem grego que apresentava capacidades de identificar as relações numéricas existentes dentro de uma harmonia, declarando que é notório a importância de Pitágoras na história da música. No entanto, temos que distinguir as concepções entre os dois filósofos dos quais a música apresenta o equilíbrio do universo e a análise, levando o melhor entendimento da formação de cada núcleo social humano e conseqüentemente sua regulamentação.

Se houvesse quaisquer interferências nos modos gregos, poderia provocar mudanças nas leis maiores e se acaso isso ocorresse, como já havia acontecido no passado, no momento em que o povoado respeitou as normas e a música fragmentada em diversos gêneros musicais sem exceder o uso da liberdade.

As funções políticas melhoravam cada vez mais, porém ocorreu o surgimento de compositores anti musicais que mesclavam os diferentes gêneros musicais daquela época, menosprezando sem qualquer empatia as regras pré-determinadas, e ocasionando uma excessiva utilização da liberdade.

Tal insolência gerou o inconveniente de ter que se legislar a música, pois sem isso teria modificações no cenário político, de modo, que seria expressamente proibido, na Kallipolis os poetas terem autonomia para escolher sua melodia ou ritmo, esse critério seria destinado somente aos cidadãos mais velhos que possuíam vastas experiências, motivando-os a se envolverem como mediadores em apresentações musicais. Geralmente essa função era atribuída aos coristas anciões porque estariam dentro de todos os pré-requisitos necessários.

Referente a utilização dos modos gregos, Platão não admitia o uso de melodias que emitissem sensações extremas a excitação ou a tristeza, não era admitido escalas habituais associadas à mixolídia e também a sintonolídia, durante os banquetes.

Os guerreiros não poderiam ter acesso a melodias que fossem de harmonia mole, por fim na cidade ideal, eram aceitos somente os modos gregos dórico e frígio, pois através dessas harmonias poderiam ser influenciadas a coragem para um homem valente, tal como um guerreiro deveria ser, enquanto a outra sensação estava correlacionada diretamente a serenidade e aos momentos de paz, constituindo a dualidade no ethos dos guardiões.

A musicalidade dual ora valente, outrora em paz, eram fundamentais para serem usadas no contexto educacional dos antigos guerreiros gregos.

No diálogo, Platão advertia que o ouvinte se parecesse com as canções que ele escutasse, logo as pessoas iriam apreciar determinada melodia através do contexto educacional, treinamento e a prática, por isso, a educação musical na Kallipolis desempenhava uma representação fundamental para os antigos gregos.

Após Platão abolir alguns dos modos gregos na cidade, ele também se posicionou contrário a alguns instrumentos, tais como a harpa, trigono e aulos, pois estes produziam uma diversidade sonora quando tocados, enfatizava que na cidade ideal, seriam aceitos apenas instrumentos como a Lira e a cítara.

Para o antigo filósofo grego, a virtude que a música propunha aos cidadãos era um caminho para o conhecimento da verdadeira identidade humana, que eram baseados em sua grandeza, nos planos educativos propostos por Platão e por essa razão deveria ocorrer uma rígida monitorização das leis.

As atividades dos músicos-poetas por sua vez também eram passadas aos professores de musicalização, evidenciando novamente que as músicas naquela época não poderiam ser instrumentais.

O ateniense possuía a crença de que a música era uma divindade celestial que se apresentava através das leis do universo administrando os cosmos, tal harmonia poderia se expressar em diversas áreas, desde a matemática até a música. A matemática encarregava-se de atender as proporções numéricas, sendo interpretada como a essência da harmonia musical.

Ele declarava que a musicalidade deveria se assemelhar com a harmonia obtida no universo, pois os músicos que executavam os mais lindos sons em seus instrumentos, não compunham somente a arte, mas também estariam alinhados com a ordem celestial do universo, que se transforma em uma nova perspectiva educacional, capaz de agir diretamente na identidade moral, alavancando as virtudes dos músicos e fazendo com que se interligassem a uma força superior do universo.

Para o antigo filósofo ateniense, a música encarregava-se de preencher uma extensa diversidade de lacunas sociais, como a educação, política, filosofia, matemática, artes e vários outros componentes, até que a importância da música fosse atribuída a uma nova modalidade na sociedade, o que seria a ética, pois além disso, possui um impacto direto no Ethos do homem, que acreditando nessa implementação teriam raízes muito mais profundas, como a respeito da harmonia e ordem das coisas, cujo qual, uma composição se destaca em forma de cunho pacífico ou equilibrado. Aquele que apreciasse essa peça musical, apresentaria as mesmas virtudes e a ética se associaria à reflexão da verdade que fala sobre as mais belas maneiras em que a arte se expressa, onde a música está inserida para ele através das artes.

Podemos refletir a respeito de todas as verdades universais em que seria conveniente a inclinação da ética nesse tema, pois agregaria através de seus verdadeiros fundamentos.

A ética para Platão estaria correlacionada ao contexto cultural e social, porque os valores éticos são empregados através de um modo coletivo, ele ainda argumenta que o governo deveria formatar leis perante as artes que visam melhores funcionalidade da sociedade, em prol do benefício de todos.

Platão estabelece através de seu pensamento filosófico, uma interessante e nova correlação entre a música e a filosofia, declarando que o verdadeiro músico grego desenvolve sua musicalidade produzindo novas harmonias e belas melodias, por outro lado, o filósofo decide se empenhar na descoberta de novos pensamentos e estudos a respeito de seus discursos filosóficos, de modo que, se o músico chega a mais perfeita harmonia musical e o filósofo conquista a Paideia (conceito que trata-se de um termo fundamental exercitado na formação educacional de um indivíduo grego) que visa toda a atenção em torno da formação de pessoas gregas com senso justo e virtuoso. Defendendo o que ele irá chamar de ciências que se juntam ou não.

2.2 Aristóteles acreditava que a educação deveria ser igualitária e acessível a todos os indivíduos, observando que os gregos se assemelhavam por almejavam uma aprendizagem de qualidade para seus filhos, acreditando que seria encontrado no sistema de ensino privado, o qual os pais julgavam ser superior.

O exercício daquilo que é comum também é realizado em comum. Tão pouco nenhum cidadão deve julgar-se útil por si próprio, mas sim em função da cidade, visto que cada um é uma parte dela, e o cuidado de cada parte, deve por natureza, refletir-se na preocupação pelo todo. (Aristóteles 1337^a 25).

É possível entender com clareza na citação acima o posicionamento do filósofo na tentativa de obter melhor compreensão a respeito desse tema.

Aristóteles passa investigar a razão pela qual a musicalidade deveria ser encontrada no sistema educacional, para isso ele decide então particulariza-la das demais atividades encontradas na educação como a gramática e a ginástica. E no decorrer de sua experiência, o pensador irá constatar que as contribuições musicais em algumas circunstâncias poderão influenciar o discente sob diferentes perspectivas como a criatividade e diversão, pois a música pode se responsabilizar por estímulos dançantes, sono ou alcoólicos e, contudo, em outros momentos a música seria capaz de trazer sentimentos virtuosos.

O antigo filósofo, se aprofunda em suas investigações, chegando a hesitar das respostas adquiridas em sua pesquisa, pois para ele, existia uma imensa incompatibilidade entre educação e diversão, porque ele acreditava que se não fosse possível aprender se divertindo simultaneamente, só seria possível agregar o aprendizado que viesse do sofrimento, refutando também a ideia de que a música teria a capacidade de aperfeiçoar a virtuosidade dos jovens pois, nela não via qualquer necessidade com fins biológicos, mas, em contrapartida assumia que a música trazia sensações adoráveis, portanto se tornava fundamental que participasse da vida dos jovens, sendo assim por conseguinte, chegar a uma resposta definitiva de que a música deveria ser incluída no sistema educacional. Pois, existia música no contexto de todas as outras formas de aprendizagens e independentemente das distrações, suas atribuições seriam fortalecidas positivamente no contexto educacional.

Tal como a ginástica confere ao corpo determinados atributos, também a música pode conferir outros ao caráter, se for capaz de o habituar a um uso correto. Finalmente, e seria uma terceira razão, a música contribui para o descanso e o cultivo da inteligência. (Aristóteles 1339^a 25).

O antigo pensador declarava que as melodias instrumentais rítmicas nada mais eram do que as mais sublimes imitações naturais da "paixão". Sentimentos como a euforia e melancolia acontecem por causa dessa imitação, exemplifica, que se fizermos uma distinção entre a imagem e seus reflexos prazerosos, fica firmado que seria coincidência por conta do formato da imagem, pois teríamos que ser também prazerosos para equipararmos com aquilo que admiramos, afirmando encontrar imitações nas canções instrumentais rítmica e enfatizando que cada pessoa terá diferentes reações ao entrar pela primeira vez em contato com tais canções.

O filósofo possui acreditava no poder da música sob a identidade humana, argumentando na com as belíssimas canções instrumentais do Olimpo, tocadas no modo grego Frígio. Aristóteles relata devoção sentida ao ouvi-las.

A música se responsabiliza cumprindo ações diretamente na identidade do homem, conseguindo reverter e produzir novas emoções e estímulos sensoriais. Uma melodia consegue fazer uma pessoa deprimida sentir uma contagiante felicidade, a música pode trazer imagens mentais influenciando estímulos como a coragem, uma forma de contemplação ao sagrado e a natureza, a paixão e o prazer através de suas ondas sonoras.

Devido a isso, é de senso comum que a maturidade articula corretamente com a prática correspondente a idade que temos nas determinadas fases de nossas vidas.

De acordo com o entendimento popular de que para tudo tem o tempo correto, seria válido aderir tal preocupação em relação a musicalidade. Tendo esse argumento como ponto de partida, o filósofo compactuava com a narrativa de que deveria ser desenvolvido ampliações das apreciações musicais durante o período infantojuvenil e posteriormente abandoná-la para começar a seguir novas áreas do campo de conhecimento, esclarecendo que com a bagagem do ensino musical aprendido no passado e com a chegada da idade apropriada, iriam conseguir usufruí-la corretamente. Demonstrando que se há consciência da dificuldade de estabelecer o que seria conveniente para cada idade.

O filósofo, entendia que a aprendizagem musical se faz importante por trazer benefícios positivos a identidade moral, que logo indagava sobre o porquê de a música então ser aprendida ao invés de apenas ser apreciada e obter juízos morais pelos sons que fossem escutados, tal como fazia os espartanos.

Por mais que um indivíduo não soubesse executar uma canção, havia possibilidades de extrair as mesmas virtudes, apenas apreciando a canção e seus sons, podendo assim discernir valores de uma música útil e a de uma música que não prestasse.

A reflexão que deveríamos fazer, é aproveitar os sons executados por outrem ao invés de nós mesmos tocarmos um instrumento musical, exemplificando através da narrativa provocativa o que jamais alguém havia visto, Zeus cantar ou tocar um instrumento, tal prática que era feita por gregos, que corriqueiramente seria visto como uma pessoa pouco virtuosa em relação a um Deus do Olimpo.

Aristóteles em sua pesquisa, busca examinar os instrumentos, ritmos e harmonias, tal como o próprio ensino musical dentre a diversidade dos instrumentos existentes, prontamente ele iria descartar da educação musical a flauta e todos os outros instrumentos que fossem convenientes aos músicos daquela época, pois não via qualquer moralidade que pudesse advir da flauta por se tratar de um instrumento orgástico. Sistematizando seus pensamentos sobre uma pequena passagem da mitologia grega, que mostra a Deusa Atenas expressando seu profundo desprezo pelo instrumento criado por ela mesma, quando ao observar seu lindo rosto deformado refletido no espelho, fica tão decepcionada com a desfiguração da sua face, que lança sua flauta abruptamente ao horizonte, após ficar impactada com sua " bela imagem".

Mesmo utilizando-a desde o início, os antigos fizeram bem em proibir o seu uso aos mais novos como aos homens livres. Na verdade, quando se tornaram ociosos devido às riquezas e magnânimos relativamente à virtude (tanto antes como após as guerras Persas), abandonaram-se sem discernimento, envaidecidos com as suas obras, e com maior afã, a toda a espécie de aprendizagens. E assim foi introduzida a flauta nos estudos como sucedeu em Esparta, onde um certo corifeu tocava flauta ao dirigir o coro: do mesmo modo, em Atenas, o uso da flauta foi tão divulgado que a maioria dos homens conhecia essa arte. (Dias, A Música no Pensamento de Aristóteles, 1341ª 25-35 Pág.96).

Platão e Aristóteles apresentaram perspectivas distintas a respeito desse tema:

Platão em sua obra A República irá excluir a cítara e todos os instrumentos que possuíssem várias cordas, conseqüentemente iria gerar vários sons, logo, isso poderia confundir a alma, enquanto que por outro lado, Aristóteles censurava a cítara por se tratar de um instrumento virtuoso para profissionais e não por aqueles que tocavam por mero regalo individual enquanto descartava a flauta do contexto educacional, mas admitia também, a importância da presença de flauta em cerimônias catárticas.

O filósofo definiu a música de três maneiras:

- Éticas- aquelas que irão se manifestar diretamente no Ethos do indivíduo;
- As práticas-que possui o poder de estimular atos do homem grego;
- As inspiradoras- que possuem o poder de trazer uma potente inspiração ao sujeito.

É evidente, pois que se devem usar todas as harmonias, mas nem todas da mesma forma: as éticas para a educação; as práticas e entusiásticas para serem ouvidas, pois são executadas por outros. Com efeito, as emoções que provocam uma afecção forte em certas almas ocorrem em todas elas, mas com maior ou menor intensidade: assim sucede com piedade, o temor e o entusiasmo. Aliás, há quem se deixe influenciar, sobretudo, por essa última emoção é o que verificamos na música sagrada, quando alguém afetado por melodias que arrebatam a alma, recupera a sanidade, como se estivesse sob o efeito de um remédio ou de uma purificação. Essas mesmas emoções têm necessariamente que afetar não só os que se encontram dominados pela piedade e pelo temor, ou por qualquer paixão em geral, mas também os restantes, à medida que se deixarem dominar por esses sentimentos. Ora, em todos eles ser provocada uma determinada purificação e alívio, acompanhada de prazer. De modo similar, também as melodias purificadoras incutem nos homens um contentamento sem mácula. É precisamente com essas harmonias e melodia que os músicos devem competir nos concursos. (Dias, A Música no Pensamento de Aristóteles, 1342ª 35-40 pág.97).

Na citação acima, observa-se que Aristóteles, compreende o conceito da catarse como um efeito que advém essencialmente dos estímulos sentimentais que uma peça trágica produzia nos espectadores e ao aflorar essas sensações, o público passava por um processo renovação sentimental, que ele definiria como Catarse. Esse processo terapêutico, revitaliza a alma fazendo com que o público através da sensibilidade viajasse para dentro de si e encarregando-se de aprender com as emoções.

O filósofo, procurava deixar bem claro que músicas instrumentais inspiradoras não poderiam ser executadas dentro do ensino educacional, essas deveriam se manter apenas no contexto artístico, como peças teatrais e apresentações, como se fossem de cunho trágico, levando os apreciadores intelectuais e incultos vivenciarem a diversidade sentimental que poderia ser proporcionado através uma peça teatral. Considerava a música instrumental prática e inspiradora para os jovens durante o processo de estruturação musical e também sentia na música o prazer de escutá-la, de forma que ele fosse capaz de propor que os modos gregos dórico por ela expressada, soasse de maneira mais amena, desse modo poderia ser aceitável e inclusa no sistema educacional.

Platão apresentava uma proposta distinta, essa função deveria ser representada pelo modo grego frígio, pois cada modo grego era representado por um determinado tipo de virtude e assim finalmente a definiria na cidade ideal como harmonias éticas, por refinar fortes estímulos sentimentais no antigo homem grego.

A música que realmente trazia um sentido para ser incluída no sistema educacional seria aquela que pudesse constituir a identidade de cada ser, ou seja, conseguisse estar na educação e desde que se manifestasse o real significado da conduta humana, enquanto as outras formas musicais tivessem o poder de se expressar moralmente, sendo apreciadas somente no momento de entretenimento.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Conclui-se que apesar da música existir há milhares de anos, ela, de fato, só pode ser cientificamente, analisada, junto ao nascimento da ciência. Ocorrida na sociedade grega atribuindo riquíssimos benefícios, não somente para os gregos, mas para toda a sociedade, a música deixou uma preciosa bagagem para pensadores futuros, como Guido D' Arezzo monge beneditino do século XI, que foi o criador do pentagrama usado como partitura musical e que obteve influência das escalas e modos deixados da herança grega.

Platão com sua obra "A república" e Aristóteles com discurso do livro VIII foram pensadores que tiveram seus destaques e deixaram legados importantíssimos nas diversas áreas de conhecimento da filosofia e das ciências sociais. Foram muito assertivos em suas colocações a respeito do Ethos, que possui perceptíveis autoridades nos dias atuais, mostrando que a música não só atua nas nossas emoções, mas fundamentalmente nas nossas ações.

Quando a música é observada para além do modo entretenimento e analisada por um prisma social e filosófico, obtém-se o impacto na conduta humana, não só no hemisfério ocidental, mas em todo o planeta terra. Destaca-se a importância de sua inclusão no contexto educacional, além da conduta moral que é gerada no sujeito, logo se vê a forma que a música ficou interligada nos sentimentos de cada aluno.

Em diversas instituições de educação ao redor do mundo foi fixada e conservado o hábito musical, transformando a aprendizagem mais lúdica e muito mais proveitosa.

É importante mencionar a protagonista desse artigo, "a música" e sua diversidade e maneiras em que ela participa da vida de cada ser vivo, exprimindo os mais lindos sentimentos presentes nas conexões humanas, tornando único, cada momento ao lado de familiares, amigos, em cerimônias românticas, religiosas ou fúnebres.

A música ainda continua sendo muito bem aproveitada no campo científico, sendo utilizada com base na neurociência, psicologia, nas ciências sociais, musicologia, etnomusicologia, dentre outras extensas áreas que buscam compreender os impactos positivos que ela causa no cérebro humano, além dos estímulos sentimentais.

A liberação de dopamina que é o neurotransmissor associado ao prazer, aumentando a concentração e criatividade, o desenvolvimento cognitivo da coordenação motora e da linguagem, a diminuição do estresse e ansiedade, dentre muitos outros benefícios que trazem à tona uma longevidade da saúde mental.

Nos dias atuais existem profissões como a musicoterapia que promovem o tratamento de doenças como esclerose múltipla, Alzheimer, depressão, doenças de Parkinson, transtorno do espectro autista e outras infinidades de doenças, a música ultrapassa todas as barreiras possíveis, ela tem a capacidade não somente de ser uma opção alternativa de tratamento para doenças consideradas leves ou graves com o poder de curá-las.

Hoje, usufruímos da música e extraímos o melhor que ela tem a nos oferecer, devemos tudo a isso aos trabalhadores da indústria musical, cientistas, pesquisadores músicos sociais e música no geral, estendendo a todos aqueles que dedicam suas vidas em prol da música, seja ela artisticamente ou cientificamente falando.

Haja vista, que a sociedade grega foi um marco na história da música, contendo tudo de melhor que ela nos oferece até os dias atuais.

“A música é celeste, de natureza divina e de tal beleza que encanta a alma e a eleva acima da sua condição. “

[Aristóteles](#)

<https://www.pensador.com/autor/aristoteles/>

REFERÊNCIAS:

DIAS, R. Ensaíos Filosóficos, Volume X- DEZEMBRO/2014

ARISTÓTELES. Política Edição Bilingue (Trad. António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.

_____, Poética. (Trad. Eudoro de Souza) São Paulo: Cultural, 1979.

EMPIRICUS, Sextus. ΠΡΟΕ ΜΟΥΣΙΚΟΥΣ : Against the musicians. (Trad. e comentários de D. D Greaves). Lincoln and

MOUTSOPOULOS, Evanhélos. La musique dans L'oeuvre de Platon. Paris: PUF, 1989.

Platão. A República. (trad. Maria Helena da Rocha). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

_____, Oeuvres Complètes. (Trad. e notas L. Robin, com a colaboração de J. Moureau), 2 v. Paris, Pleiade, 1940-1942.

São Paulo: Martins Fontes. Nasser, Najat. (1997, jul/dez). O ethos na música grega.

Instituto de Artes, UNICAMP.

República, 424. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

Boletim do CPA, Campinas N°4, jul./dez.1997

ROCHA JÚNIOR, Roosevelt Araújo da. (2017). Música e Filosofia em Platão e Aristóteles. Discurso, n. 37, São Paulo, p. 31-53.

ARISTÓTELES. Política. Tradução de Mário da Gama KURY. 3ª Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997. 321p. Tradução de:Politikon

ARISTÓTELES. Política. Tradução de António de Castro CAEIRO. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 2009. 280p.

ARISTÓTELES. Política. Tradução de Roberto Leal FERREIRA. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 350p.